

ARTIGO

“PETELECOS NA FPN”:

O *GLOBO* CONTRA A FRENTE PARLAMENTAR NACIONALISTA

GUILHERME LEITE RIBEIRO

Doutor em História (UFRJ) e bolsista de pós-doutorado nota 10 da FAPERJ no Programa de Ciências Sociais da PUC-Rio
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5168-4348>

RESUMO: Este artigo analisa a abordagem de *O Globo* sobre a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), primeira experiência suprapartidária do Brasil, atuante entre 1956 e 1964. A hipótese é a de que o bloco foi tratado de forma deletéria pelo periódico. Todas as menções ao grupo foram verificadas, observando as adjetivações usadas e os articulistas mais frequentes. O jornal retratou a FPN como radical, instável e inexpressiva. Apesar do quase silêncio historiográfico sobre *O Globo* e sobre a FPN, o trabalho revela o protagonismo do grupo parlamentar na política brasileira e confirma o alinhamento à direita por parte do periódico.

PALAVRAS-CHAVE: *O Globo*, Frente Parlamentar Nacionalista, anticomunismo, nacionalismo.

“FINGER FLICK IN THE FPN”:

O GLOBO AGAINST NATIONALIST PARLIAMENTARY FRONT

ABSTRACT: This article analyzes *O Globo's* perspective on Nationalist Parliamentary Front (FPN), Brazil's first caucus, active between 1956 and 1964. The hypothesis is that the newspaper negatively evaluated the political group. We examined all the mentions of the caucus in this paper, including the adjectives used and the most frequent columnists. The newspaper portrayed the FPN as radical, unstable, and inexpressive. Despite the generalized silence of the experts about *O Globo* and the FPN, the article reveals the role of the caucus in Brazilian politics and confirms the newspaper's alignment with the right political spectrum.

KEYWORDS: *O Globo*, Nationalist Parliamentary Front; anticommunism; nationalism.

Recebido em: 17/04/2023

Aprovado em: 13/06/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v79p286-316>



Considerações iniciais

Prestes a completar seu primeiro centenário, o jornal *O Globo* se mantém como uma das principais forças editoriais do país, não obstante a vasta concorrência que enfrenta com similares impressos e digitais. Desde 1925, quando foi criado, o periódico passou por inúmeras transformações, sendo dever do historiador contextualizá-las ao eleger esse órgão de imprensa como objeto de pesquisa.

Para este artigo, observamos o comportamento de *O Globo* diante de um dos grupos mais engajados no período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964: a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). O bloco suprapartidário defendia ideias que, em sua maioria, iam de encontro às apregoadas pelo jornal, como a limitação da remessa de lucros ao exterior, as reformas de base e o intervencionismo estatal. Tal pesquisa é justificada pelo quase silêncio acadêmico sobre a FPN e sobre o jornal, não obstante a primeira ter sido pioneira na experiência de frentes parlamentares no Brasil, e o segundo ter figurado como um dos jornais mais vendidos no Rio de Janeiro dos anos 1950.

Defende-se a hipótese de que o tratamento dado pelo jornal à FPN foi marcadamente deletério, em razão de suas ideologias serem diametralmente opostas. Desdobrando a hipótese, é possível que o enfoque do jornal sobre o grupo tenha sido crescentemente desfavorável, isto é, tornou-se mais negativo ao longo do tempo, principalmente a partir do governo João Goulart, em 1961, quando a FPN passou a ter maior acesso ao poder central, ganhando ainda mais relevo no espaço político.

A baliza cronológica escolhida para o trabalho em voga é a mesma do período em que o bloco suprapartidário atuou na política brasileira: 1956 a 1964. É de se notar que, quando a frente parlamentar aparecera, *O Globo* já era um consagrado jornal, identificado com forças ideológicas opostas às do nascente grupo.

O artigo se divide em 3 seções. Na primeira, a história de *O Globo* é brevemente considerada, levando-se em consideração as transformações sofridas pela imprensa a partir dos anos 1950. A segunda seção se dedica a traçar um quadro geral do que representou a FPN para a política brasileira do período. Por fim, chega-se à análise principal deste trabalho: a abordagem sobre a Frente Parlamentar Nacionalista nas páginas de *O Globo*. Esperamos

que a pesquisa possa revelar, a partir de um estudo de caso, o quão importante é encarar os órgãos de imprensa como atores políticos que têm as suas próprias visões de mundo e interesses, e de que forma eles podem ter contribuído para elevar a tensão já alta em momentos políticos críticos na história do Brasil.

Jornal O Globo: um bastião conservador

Desde o século XIX, quando os primeiros periódicos apareceram no Brasil, a imprensa passou por diferentes fases. No início, o que havia eram os jornais opinativos, criados para defender um governo ou se opor a ele, dialogando com públicos muito específicos (Zicman, 1985). Seguia-se, então, o modelo francês, de uma imprensa que, salvo raras exceções, tomava partido daquilo a que se propunha apoiar (Ribeiro, 2000). Essa característica foi predominante até os anos 1950, quando uma reviravolta editorial e gráfica remodelou grande parte dos jornais da época. A partir de então, os periódicos ganharam feição nova: saía o amadorismo e entrava o profissionalismo; perdia-se a opinião como força motriz e iniciava-se a tentativa de narrar fielmente os fatos acontecidos.

Após a 2ª Guerra Mundial, os jornais passaram por inúmeras “inovações técnicas, gráficas e editoriais” (Abreu, 1996, p. 10) no Brasil. O aprimoramento estético do jornal se tornou uma realidade, tornando-o mais dinâmico e atrativo (Luca, 2008a). Não se deve subestimar o papel dos Estados Unidos nesse processo: depois de décadas da supremacia do modelo francês de produção editorial, chegara a vez do americano entrar em cena. Uma das consequências da inflexão era o “processo de autonomização do jornalismo em relação à literatura” (Ribeiro, 2000, p. 30), áreas antes vistas como muito próximas. Pelo modelo americano, a objetividade era o alvo a ser atingido. Nascia, então, a chamada “imprensa de informação” (Zicman, 1985, p. 91).

A bibliografia consultada é unânime em apontar o *Jornal do Brasil* como referência na remodelagem gráfica e editorial por que passaram os periódicos na época. Tânia Regina de Luca (2008b), por exemplo, afirma que a mudança no paradigma da imprensa teve como exemplo mais evidente a reforma ocorrida no *Jornal do Brasil*, que mudou bruscamente seu estilo. Com

texto mais “enxuto”, aumentando o número de suas páginas e reformando o seu parque gráfico, o JB – como era conhecido – passou a ser “o maior matutino do Rio de Janeiro” (Ribeiro, 2000: 150).

No caso de *O Globo*, as inovações técnicas e editoriais também se fizeram presentes no período que faz parte do nosso arcabouço temporal. Na mesma década em que a imprensa brasileira ganhou novo status, *O Globo* se firmava como um dos periódicos mais lidos no Rio de Janeiro. Afinal, foi o período em que o jornal conquistou a primeira posição entre os vespertinos, chegando a atingir a marca de 100 mil exemplares vendidos diariamente (Costa, 2015, p. 78), número grandioso para os padrões da época.

Um episódio específico, ocorrido naqueles anos, mostra com nitidez a relevância do jornal. Após dar grande destaque ao atentado que aconteceu na Rua Toneleiros, no ano de 1954, em que Carlos Lacerda – principal opositor de Getúlio Vargas – saíra ferido, *O Globo* passou a enfatizar, em suas edições, a necessidade do impeachment do presidente da República, acusado de ser o mandante do crime (Montalvão & Leal, 2001). Recusando-se a renunciar, Vargas cometeu suicídio e a reação de parte da sociedade, inesperada, mostrou qual era a visão que determinados grupos tinham sobre *O Globo*. A sede do jornal foi apedrejada e vários de seus caminhões foram queimados, como retaliação à campanha promovida pelo periódico contra o agora ex-presidente (Montalvão & Leal, 2001). Ficou claro, desde então, que muitas camadas sociais enxergavam o vespertino carioca como um dos responsáveis pelo suicídio de Vargas. O jornal ganharia a pecha de golpista, que, por muitas décadas, o acompanharia.

Não obstante a sua importância, *O Globo* teve poucas análises empreendidas pela bibliografia, ao contrário de outros jornais. Em nossa pesquisa, constatamos apenas a presença de dois livros escritos sobre ele – Carvalho (2010) e Costa (2015) –, ainda assim fazendo recortes muito específicos sobre determinadas passagens da história do periódico. É provável que essa ausência tenha ocorrido em razão de sua proximidade com a UDN, legenda que participou de algumas tentativas de golpe na República de 1946, o que pode ter feito com que a academia enxergasse *O Globo* como uma espécie de linha auxiliar do udenismo. Entretanto, a hipótese carece de mais evidências. Seja como for, este artigo visa também preencher parte da lacuna

deixada pela historiografia acerca da trajetória do jornal nos anos anteriores ao golpe.

Em seus primeiros tempos, a atenção de *O Globo* se dirigia às demandas populares, reportando os preços dos produtos e dos serviços em geral. Ademais, ele já se posicionava a favor da entrada do capital estrangeiro no país (Montalvão & Leal, 2001). Na época, o jornal ainda era pouco conhecido, o que mudou completamente a partir dos anos 1940.

Nessa década, *O Globo* se dedicou a narrar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, dando ênfase à atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ao lançar uma coluna semanal de muito sucesso – “O Globo Expedicionário” –, o periódico se destacou em relação aos seus concorrentes (Montalvão & Leal, 2001). Sua abordagem fez com que ele ganhasse notoriedade junto a várias camadas sociais, passando a ser um dos jornais mais lidos do estado. Rapidamente, em função dessa nova postura editorial, ele se tornou “o vespertino de maior circulação do Rio de Janeiro” (RIBEIRO, 2000, p. 92).

Na transição da década de 1940 para a de 1950, ficaram mais claras as posições ideológicas do jornal. Desde o surgimento da UDN, por exemplo, em 1945, com sua retórica marcadamente antigetulista, *O Globo* já mostrava simpatia pelo partido, apoiando explicitamente um udenista para as eleições presidenciais daquele ano, o Brigadeiro Eduardo Gomes, fato que se repetiria no sufrágio seguinte (Montalvão & Leal, 2001). Alzira Alves de Abreu (2006), embora rechace a hipótese de uma ligação direta entre *O Globo* e a UDN, admite que o jornal defendia as posições do partido político.

Com a vitória de Vargas sobre Gomes, em 1950, grande parte da imprensa se mobilizou em oposição ao presidente eleito (Capelato, 2015). À exceção do *Última Hora*, criado em 1951 com linha editorial de apoio explícito ao governo Vargas, todos os demais órgãos de imprensa faziam diariamente críticas duras ao petebista, destacando-se *O Globo*. Este jornal, por exemplo, empenhou-se contra o monopólio do petróleo pela Petrobras (Ribeiro, 2000), provavelmente uma das campanhas populares mais significativas daqueles tempos, apoiada por Vargas. Foi também naquele período que *O Globo* se posicionou firmemente contra o aumento de 100% no salário mínimo (Ribeiro, 2000), proposta feita pelo então ministro do Trabalho, João Goulart, demitido, entre outros motivos, por pressão de setores políticos e econômicos.

Depois do suicídio de Vargas, o jornal manteve suas posições políticas principais, inclusive de apoio à UDN. Com a vitória de Juscelino Kubitscheck, do Partido Social Democrático (PSD), em 1955, os udenistas retomariam uma tese já bastante propalada quando da eleição de Getúlio Vargas em 1950: a da maioria absoluta, que consistia na ideia de que, para ser eleito, o candidato deveria obter 50% dos votos ou mais, o que não era previsto pela Constituição. Segundo Montalvão e Leal (2001), *O Globo* foi um dos que encamparam essa tese.

Após a resistência militar liderada pelo marechal Henrique Teixeira Lott a uma série de tentativas de golpe que consistiam em não dar posse a Kubitscheck, em razão de não ter atingido a maioria absoluta, o candidato presidencial finalmente assumiria o poder no início de 1956 (Ferreira, 2019). Em seu governo, não obstante o Grupo Globo ter obtido a concessão de uma rede de televisão – que passou a funcionar em 1965 –, o jornal não diminuiu suas críticas ao agora mandatário da nação (Costa, 2015), mantendo-se alinhado às forças de oposição.

Na polarizada década de 1960, quando a radicalização dos atores políticos tomou proporções elevadas, *O Globo* teve um papel importante nas críticas ao governo, desta vez comandado por um velho conhecido seu – João Goulart. Quando Jânio Quadros – sucessor de Kubitscheck – renunciou ao poder depois de um rápido e confuso mandato de sete meses, criou-se um imbróglio em torno da posse de João Goulart, que, na condição de vice-presidente do país, deveria, segundo a Constituição, assumir o poder. Na ocasião, *O Globo* foi um dos poucos órgãos da imprensa contrários à posse de Goulart (Abreu, 2006).

Uma vez resolvido o impasse, após a solução de compromisso em torno da adoção do sistema parlamentarista – em que João Goulart apenas teria a chefia de estado, mas não a de governo –, *O Globo* manteve seus tons críticos às políticas petebistas e de outros grupos com bandeiras análogas às do PTB, como a própria FPN. Assim, o periódico se posicionou contrariamente à chamada “Política Externa Independente” (PEI), que consistia, entre outros fatores, em uma reaproximação do Brasil com os países do bloco socialista (Carvalho, 2010). Embora a PEI tenha começado ainda no governo de Jânio Quadros, foi no de João Goulart que ela se intensificou. Vale ressaltar também a luta empreendida pelo jornal contra a lei que limitava as remessas de lucros

ao exterior (Ribeiro, 2000), amplamente defendida por grupos de esquerda nos anos 1960.

Na mesma época, iniciou-se a chamada Rede da Democracia, composta por *O Globo*, pelo *Jornal do Brasil* e pelo periódico *O Jornal*, que expressa bem a escalada do clima de tensão dos anos 1960. Basicamente, tratava-se de um programa radiofônico cujo teor era veiculado pelos três órgãos de imprensa (Carvalho, 2010). A Rede passou a existir em meados de 1963, após o pedido de estado de sítio feito por João Goulart. A medida excepcional foi solicitada em razão das ameaças golpistas feitas por Carlos Lacerda, que chegou a sugerir uma possível intervenção no Brasil dos Estados Unidos (Ferreira, 2013).

Data do mesmo período a publicação, em *O Globo*, por meio de fascículos, do livro *Assalto ao Parlamento*, escrito pelo deputado tchecoslovaco Jan Kozak. Em sua narrativa, o parlamentar comunista descrevia como seu partido havia chegado ao poder naquele país, infiltrando-se nas instituições existentes (Kozak, 1962). Editado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), o livro ganhou muita repercussão por meio de *O Globo*, que, além de publicar trechos da obra, também a comentava (Carvalho, 2010). Com isso, o periódico sugeria uma analogia com o que, supostamente, estaria acontecendo no Brasil.

Assim, era cada vez maior a intransigência de *O Globo* com o governo João Goulart. Em razão de todos os fatores mencionados, não surpreende o seu apoio explícito ao golpe que derrubou o presidente em 31 de março de 1964 (Capelato, 2015). É claro que o periódico não foi o único órgão da imprensa que ajudou na queda do regime democrático, mas certamente foi um dos seus principais entusiastas.

Frente Parlamentar Nacionalista: um ator sem importância?

Assim como *O Globo*, a Frente Parlamentar Nacionalista também não ganhou muita atenção dos especialistas. Entretanto, muitos atores da época realçaram a sua relevância no espaço político, dado que indica a necessidade de um aprofundamento maior sobre essa experiência parlamentar.

A ausência de um marco legal para as frentes parlamentares ajuda a explicar o silêncio da historiografia sobre a FPN, haja vista que, em tese, dificultaria o acesso às fontes oficiais do grupo. Contudo, é possível, com base nos Diários do Congresso, nos periódicos, e também nos discursos e escritos dos membros da frente parlamentar, reconstituir seus passos.

A FPN teve cerca de 120 deputados ao longo de sua história, oriundos de 10 partidos (Ribeiro, 2021). É claro que esse número variou muito no tempo, mudando, principalmente, a cada renovação legislativa. Mesmo assim, sabe-se que o PTB foi a legenda com mais integrantes militando na Frente Parlamentar Nacionalista, até pela similaridade das pautas.

O que unia a FPN, fundada em 1956, era a bandeira da autonomia nacional (Delgado, 2010). Dentre suas teses principais, constavam a defesa do monopólio estatal do petróleo e da energia elétrica, o controle sobre as remessas de lucros, e a oposição a acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) (Delgado, 2007). Seu objetivo comum era “lutar pela implementação de políticas públicas nacional/reformistas” (Delgado, 1994, p. 63).

A Frente Parlamentar Nacionalista contou também com um braço importante na própria imprensa: referimo-nos ao jornal *O Semanário*, criado no mesmo ano que o grupo. O periódico era uma espécie de “ponto de sustentação e aglutinação dos ideais caros ao movimento nacionalista” (Brasil, 2010, p. 8). Tamanha era a sua ligação com a FPN que, durante certo tempo, constava em sua primeira página o título de “órgão oficial da Frente Parlamentar Nacionalista” (Brasil, 2010, p. 31). O jornal deu amplo espaço ao bloco suprapartidário, apoiando-o em suas lutas no Congresso Nacional e, por isso, foi considerado como uma espécie de seu “porta-voz” (Abreu, 2006, p. 119).

Apesar de semanal e de não ter as vendas expressivas de *O Globo*, *O Semanário* incomodou o vespertino carioca em, pelo menos, uma ocasião. Aloysio Castelo de Carvalho (2010) narra uma discussão editorial entre ambos na década de 1960. Na época, *O Semanário* havia concedido espaço a Leonel Brizola (PTB-GB), que acusara *O Globo* de ter relações com interesses norte-americanos. Em resposta, Roberto Marinho, dono do tradicional periódico, bradou a independência do seu jornal, acusando o hebdomadário de comunismo – imputação corriqueira naqueles anos, dirigida por parte de setores conservadores às esquerdas.

Em seus quase oito anos de existência, a frente parlamentar se envolveu diretamente em alguns acontecimentos importantes no país. Um deles foi a eleição presidencial de 1960, na qual se escolheu o sucessor de Juscelino Kubitscheck. Desde o ano anterior à eleição, a FPN começara movimentos em prol da candidatura do marechal Henrique Teixeira Lott, considerado o principal responsável pela posse de Kubitscheck em 1955, do qual seria ministro da Guerra. A frente parlamentar “antecipou-se às legendas partidárias” (Affonso, 2014, p. 86), com a defesa que fez do nome do militar naquele pleito, o que, no final, acabou realmente acontecendo.

O “apoio maciço” (Ribeiro, 2021, p. 82) dado a Lott pela FPN é uma prova da importância do grupo na época. Afinal de contas, estamos tratando de uma candidatura situacionista, abarcada, portanto, na legenda que governava o país. Muito embora o marechal tivesse sido derrotado no pleito, vencido por Jânio Quadros, não resta dúvida do poder de mobilização da FPN, que foi o principal agente impulsionador de Lott (Ribeiro, 2019).

Sendo o Congresso Nacional o *locus* primeiro de atuação da FPN, faz-se necessário averiguar o comportamento do bloco dentro desse espaço legislativo. No que concerne às votações nominais – ferramentas que permitem atestar a coesão de um determinado ator político –, os resultados são instigantes, considerando-se tratar de um grupo que reunia diferentes legendas partidárias. Atingindo altos índices de união em sufrágios que versavam sobre reforma agrária e outros que visavam a limitação das remessas de lucros ao exterior, não foram poucos os momentos em que sua coesão superou a dos principais partidos políticos (Ribeiro, 2021, p. 98).

Além disso, vale ressaltar que a FPN foi atuante nas comissões legislativas (Delgado, 1994), muito embora os cargos ocupados naqueles espaços fossem indicações das legendas tradicionais. Analisando as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), por exemplo, Ribeiro (2021) encontrou um forte engajamento da frente parlamentar em algumas delas, como a que investigou problemas relacionados ao petróleo e a analisou os acordos comerciais entre Brasil e Estados Unidos. Nas proposições legislativas, o grupo também mostrou sua importância, organizando-se para criar projetos de lei e emendas constitucionais que fossem ao encontro das pautas que defendia (Ribeiro, 2021).

Nos poucos trabalhos que se dedicaram a analisar especificamente a FPN, fica claro que o grupo se tornou ainda mais relevante na década de 1960. Foi nesse período que ele adquiriu “notável importância” (Barbosa, 2003, p. 261), em tempos de polarização e radicalismo, quando os partidos tradicionais dividiram o espaço legislativo com as duas frentes parlamentares que ganhavam terreno: além da FPN, a Ação Democrática Parlamentar (ADP), sua contraparte, e que defendia projetos completamente antagônicos aos dos nacionalistas (Ribeiro, 2017). Nos dizeres exagerados de uma personalidade da época, tamanha era a força dos blocos que “quase que os partidos desapareceram” (Jurema, 1964, p. 60).

A Frente Parlamentar Nacionalista procurou também dar voz a agentes externos da Câmara dos Deputados, levando suas demandas para dentro do Poder Legislativo. Delgado (2007, p. 369) posiciona a FPN como “interlocutora” de movimentos como a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e as Ligas Camponesas. Aliás, de acordo com um ex-deputado do grupo, era comum aparecer nos gabinetes da FPN representantes do CGT, da UNE e dos camponeses (Moreira, 1990). O grupo atuou ainda junto a sindicatos, a universidades e a setores da Igreja, da intelectualidade e das próprias Forças Armadas (Affonso, 2014). Também não foram poucas as vezes em que a frente parlamentar se reuniu com presidentes e ministros, organizou comícios e seminários, e participou de eventos populares a convite de grupos com bandeiras congêneres (Ribeiro, 2021).

Diante de todos os dados coletados, não resta dúvida de que, como expresso pelo cientista político Gláucio Soares, a FPN foi um “divisor de águas no seio do Congresso Nacional” (Soares, 1973, p. 206). Sua força foi tão grande que provocou a existência de outra frente parlamentar, criada para servir de anteparo à FPN – o que foi admitido pelo próprio jornal *O Globo*, em 1961.¹ E é justamente devido a essa relevância da FPN que defendemos a hipótese de que *O Globo* se importou com o bloco partidário, evocando-o de forma bastante negativa durante o período em que a frente parlamentar atuou, principalmente pelas pautas opostas que defendiam.

¹ Jornal **O Globo**, 16/05/1961, Matutina, p.2.

Os “petelecos” de *O Globo* na FPN

Na consecução do trabalho, alguns cuidados metodológicos foram tomados, sobretudo para tentar abranger a maior parte das citações à FPN feitas pelo jornal *O Globo*. Não obstante a facilidade com que se pode acessar o acervo digital do periódico – embora restrito a assinantes –, o pesquisador deve ter atenção para não deixar escapar as edições em que a FPN foi abordada. Apenas depois disso é que se deve empreender uma análise mais pormenorizada dessas aparições.

Em primeiro lugar, olhamos para a nomenclatura com que o grupo suprapartidário poderia vir a ser retratado. No caso específico deste trabalho, mostrou-se contraproducente pesquisar apenas a sigla “FPN”, haja vista que, quando aparecia, o termo mormente se referia à Federação Portuguesa de Natação. Assim, a busca se concentrou na expressão exata “Frente Parlamentar Nacionalista”. É importante não perder de vista essas possíveis variações terminológicas no momento da pesquisa de algum tema em um acervo, pois, por mais sofisticada que seja, a ferramenta de busca pode não dar conta de certas especificidades.

Além disso, outra preocupação metodológica que tivemos foi em relação à baliza temporal. Muito embora a FPN tenha sido encerrada pelo golpe de 1964, *O Globo* ainda continuaria a fazer comentários sobre o grupo anos após o seu fim. Entretanto, nosso interesse era resgatar a abordagem do periódico sobre a frente parlamentar durante os anos em que os dois ocuparam o espaço público concomitantemente. Assim, a pesquisa se iniciou em junho de 1956 e se encerrou em abril de 1964.

Ao todo, encontramos 307 citações à Frente Parlamentar Nacionalista no jornal *O Globo*. Ao nos depararmos com o número, verificamos se houve dispersão das menções à FPN ao longo dos anos ou se elas se concentraram em algum período específico. Não surpreende que a maioria das alusões feitas ao bloco tenham ocorrido na década de 1960, pois, como visto na seção anterior, foi o momento de maior protagonismo do grupo. O ano de 1963 se destacou, com 120 menções, o que pode estar relacionado a reformulações internas na FPN, que acarretaram consequências em sua atuação: além de criar uma instância de comando, o Conselho Coordenador, o grupo publicou um manifesto muito mais amplo e rígido com possíveis dissidências do que

documentos anteriores (Magalhães, 1964). Com a radicalização dos atores no auge e com a frente parlamentar em evidência, seria natural que *O Globo* conferisse maior importância ao bloco.

Nas primeiras vezes em que a Frente Parlamentar Nacionalista apareceu no jornal, no ano de 1956, a abordagem de *O Globo* foi bastante tímida. O bloco suprapartidário se fez presente em notas curtas do periódico, quase sempre para referenciar o pertencimento de certos deputados à nova experiência parlamentar. Foi somente a partir do final de 1957 que o jornal passou a dar mais destaque à FPN, sobretudo em razão de uma desfiliação dupla de parlamentares do grupo, fato superestimado por *O Globo*, como abordaremos mais adiante.

Ao longo do tempo, percebemos que as menções à FPN dentro do periódico se concentraram em determinadas áreas. Objetivando verificar qual foi o teor desses pontos principais, elencamo-los em 4 grupos. Embora não esgotem os tipos de crítica dirigidos pelo jornal ao grupo suprapartidário, acreditamos que a divisão contribua para um panorama geral de como foi a abordagem da frente parlamentar nas páginas de *O Globo*.

FPN e eleições. Apesar de o bloco suprapartidário já existir quando ocorreu o sufrágio geral de 1958, foi apenas a partir do ano seguinte que o periódico começou a lhe dar atenção. O motivo para que isso acontecesse foi a notória participação da frente parlamentar no lançamento do nome do marechal Henrique Teixeira Lott à Presidência da República em 1960. Faltando um ano e meio para a eleição que escolheria o sucessor de Juscelino Kubitschek, a FPN já atuava para defender o militar como o candidato ideal das forças nacionalistas.

Desde o início, *O Globo* acompanhou a travessia empreendida pelos deputados do grupo suprapartidário no objetivo de viabilizar Lott como presidencialável. Ainda em fevereiro de 1959, o periódico deu grande destaque a um encontro ocorrido entre o marechal e representantes da FPN, afirmando que a conversa teria envolvido apenas aspectos a serem levados para a discussão na Câmara pelos militantes da frente parlamentar.² Com o passar dos dias, ficaria cada vez mais claro o desejo de a FPN tornar Lott candidato à Presidência. Após uma viagem do então ministro da Guerra aos Estados

² Idem, 26/02/1959, Matutina, p.6.

Unidos, a frente parlamentar fez questão de recebê-lo em seu retorno ao Brasil, ainda no aeroporto. Segundo *O Globo*, dezenas de autoridades estavam esperando-o, dentre as quais Bento Gonçalves (PR-MG), presidente da FPN, e Neiva Moreira (PSP-MA), um dos principais líderes do bloco.³ Este último nome, aliás, deu uma pequena entrevista ao periódico, admitindo que a recepção simbólica serviria como lançamento extraoficial da candidatura de Henrique Teixeira Lott à Presidência da República.⁴

Mais adiante, *O Globo* reconheceu a proeminência da FPN na luta por Lott, afirmando, em um editorial de primeira página, que o grupo “não dorme”.⁵ É razoável afirmar que a Frente Parlamentar Nacionalista foi um dos agentes mais engajados na candidatura de Henrique Teixeira Lott à Presidência em 1960. E foi justamente por isso que o periódico teceu fortes críticas ao comportamento do bloco suprapartidário. Para *O Globo*, a FPN não teria autoridade para lançar um nome como candidato ao cargo máximo da nação, pois lhe faltaria competência para tal.

Alguns editoriais do periódico deixariam claro o posicionamento do jornal a respeito da campanha empreendida pela frente parlamentar. Devemos lembrar a importância desses espaços da mídia impressa como um dos mais notórios na observação de sua ideologia (Capelato, 2015). Em maio de 1959, por exemplo, a primeira página de *O Globo* trazia uma crítica muito ferrenha ao engajamento da FPN na eleição que ocorreria no ano seguinte. Segundo o periódico, o maior problema era que a candidatura partia “de um grupo, por sinal destituído de maior significação política no seio dos partidos em que se encontram alistados e aos quais pretendem impor as suas preferências sem ter em conta as dos demais correligionários”.⁶ Destarte, a FPN não deveria se imiscuir em um processo que não lhe diria respeito.

No mesmo editorial, o periódico concluía com um raciocínio que deixava clara a postura do jornal em um sufrágio que ainda demoraria a acontecer: o apoio da FPN a Lott era a prova de que o marechal não deveria ser eleito – nem mesmo ser candidato. Vista por *O Globo* como um grupo estranho ao Parlamento e, por isso, incompetente para lançar um nome à

³ Idem, 30/03/1959, Matutina, p.3.

⁴ Idem, 31/03/1959, Matutina, p.6.

⁵ Idem, 10/06/1959, Matutina, p.1.

⁶ Idem, 23/05/1959, Matutina, p.1.

Presidência da República, a frente parlamentar era tida, ademais, como radical e próxima aos comunistas, o que deslegitimaria qualquer pretensão eleitoral do grupo suprapartidário.

Mesmo ressaltando que não haveria razoabilidade no envolvimento da frente parlamentar com as eleições, haja vista que essa era uma atribuição dos partidos políticos, era recorrente *O Globo* proferir comentários a respeito do desempenho do grupo nos pleitos. Prova disso foi o diagnóstico feito pelo periódico alguns meses após a derrota de Lott para Jânio Quadros em 1960. Também em um editorial de primeira página, o jornal caracterizou a FPN como “defunta”, em razão do resultado na disputa presidencial.⁷ Mas esta não seria a única vez que *O Globo* comemorava um suposto insucesso eleitoral do grupo: até mesmo em uma coluna social, produzida por Ibrahim Sued, registrou-se a informação de que o bloco “sofreu estrondosa derrota nas eleições passadas”,⁸ reconhecendo, mais uma vez, o papel que a FPN teve no pleito de 1960.

Em suas menções ao desempenho eleitoral da frente parlamentar em 1958 e 1962 – quando houve a renovação total na Câmara dos Deputados –, o periódico não perdeu a oportunidade de comemorar as supostas derrotas do grupo. Quanto ao primeiro ano, *O Globo* dizia que o “voto da nação [...] rejeitou na praia como destroços de naufrágio”, referindo-se à FPN.⁹ Nas eleições de 1962, o jornal creditou a derrota do deputado federal Celso Brant (PR-MG) – que não havia obtido a reeleição –, ao seu comportamento “intransigente” na condição de membro da frente parlamentar.¹⁰

Já na corrida presidencial, *O Globo* voltaria a mencionar a preocupação do grupo no lançamento de um nome que fosse de sua confiança, desta vez para concorrer às eleições de 1965 – que jamais aconteceram devido ao golpe militar no ano anterior. Uma reunião da FPN foi feita para discutir a possibilidade de uma candidatura apoiada pelo bloco. Na ocasião, 3 políticos foram citados: Miguel Arraes, governador de Pernambuco; o deputado federal Almino Affonso (PTB-AM); e o ex-presidente Juscelino Kubitschek.¹¹ Alguns meses depois, o jornal novamente divulgava informações nesse sentido,

⁷ Idem, 14/12/1960, Matutina, Geral, p.1.

⁸ Idem, 28/02/1961, Matutina, Geral, p.4.

⁹ Idem, 05/04/1961, Matutina, p.3.

¹⁰ Idem, 25/09/1963, Matutina, p.3.

¹¹ Idem, 31/08/1963, Matutina, p.8.

afirmando que a FPN ainda tinha dúvidas sobre a melhor estratégia a ser traçada em 1965.¹² Assim, mesmo com a ênfase negativa de *O Globo* acerca do papel da Frente Parlamentar Nacionalista nos sufrágios do período, há de se convir que tais referências corriqueiras eram, por si só, uma forma de reconhecer a FPN como ator importante para as eleições, ainda que não as disputasse diretamente.

Boatos sobre crises e dissidências. Na abordagem de *O Globo* sobre a Frente Parlamentar Nacionalista, um aspecto se destacou desde o princípio: as informações de dissidências e brigas internas entre os membros do bloco suprapartidário. Em muitos desses momentos, observamos crises superestimadas, que pouca ou nenhuma repercussão tiveram dentro do grupo. Ainda assim, a lente focada pelo jornal diz muito sobre as opções narrativas encontradas por ele acerca da FPN.

O primeiro embate interno dentro da frente parlamentar – reportado em várias edições de *O Globo* – aconteceu no final de 1957. Vale ressaltar que, antes disso, a FPN praticamente não aparecera no periódico. Porém, naquele ano, o jornal informava que dois deputados haviam abandonado a Frente Parlamentar Nacionalista, por divergirem das orientações do grupo. Segundo uma das matérias, estavam de saída Fonseca e Silva (PSD-GO) e Paulo Freire (PR-MG), por condenarem uma suposta aproximação da FPN com o comunismo.¹³ Alguns dias depois, dentro da tradicional coluna “O Legislativo em Ação”, *O Globo* reproduzia declarações de um dos líderes do bloco, Abgvar Bastos (PTB-SP), que afirmava que Freire jamais havia pertencido de fato à frente parlamentar, ao contrário do outro deputado.¹⁴ Na apuração dos nomes dos componentes da FPN, Ribeiro (2021) também excluiu o mineiro da lista, embora tenha incluído o goiano.

Seja como for, para *O Globo*, as rusgas internas eram reveladoras de um grupo que já nascia com marcas de instabilidade. No panorama retrospecto do ano de 1957, o jornal apresentou uma nota intitulada “Alvorada e Crepúsculo da Frente Nacionalista”, que, em tom comemorativo, anunciava o fim da FPN a partir da dupla desfiliação mencionada.¹⁵ Além do erro factual de

¹² Idem, 09/11/1963, Matutina, p.12.

¹³ Idem, 29/11/1957, Matutina, p.6.

¹⁴ Idem, 04/12/1957, Matutina, p.14.

¹⁵ Idem 19/12/1957, Matutina, p.9.

situar o nascimento do bloco como tendo acontecido em 1957, *O Globo* também insistia na tese de que a saída dos deputados seria um sinal de desmanche do grupo. Há, contudo, 3 problemas na análise do jornal: (1) ainda que o mineiro houvesse algum dia assinado a filiação à FPN, ela aparentemente nunca se tornou real; (2) quanto ao goiano, poucos dias após o seu pedido de desligamento, ele já havia retornado ao bloco;¹⁶ e (3) mesmo que os dois deputados tivessem saído da frente parlamentar, dificilmente isso representaria o enfraquecimento do grupo, haja vista que nenhum desses nomes ocupou posições de liderança na FPN. Contudo, para o jornal, o que importava era o anúncio do fim de um grupo concebido para “estruturar na zona político-legislativa tendências suscitadas em setores auxiliares ao extinto PCB”.¹⁷

O periódico também reportou problemas enfrentados por deputados da Frente Parlamentar Nacionalista em seus partidos, principalmente quando os conflitos envolviam o grupo suprapartidário. Nas eleições de 1960, por exemplo, *O Globo* deu grande destaque à insatisfação de Bento Gonçalves (PR-MG), presidente da FPN, com a orientação de sua legenda naquele sufrágio. Acusado pelo deputado de apoiar Jânio Quadros por pressões econômicas, o Partido Republicano (PR) abriu um processo de expulsão do parlamentar, que não aparecera na Convenção marcada pelo partido para provar o que havia falado.¹⁸ Cerca de um mês depois do ocorrido, o periódico voltou a abordar o assunto, comemorando a decisão do PR de expulsá-lo por unanimidade, o que foi considerado pelo jornal como “um elogiável exemplo de determinação e dignidade”.¹⁹

Uma leitura que se pode fazer das menções no jornal a esse caso sugere que o ato de indisciplina partidária simbolizaria, por parte do político que ocupava o cargo mais importante da FPN, a intransigência da própria frente parlamentar nas eleições de 1960, capaz de gerar instabilidade e crise dentro dos partidos políticos. Aliás, quando celebrara a expulsão do deputado, *O Globo* estendeu suas críticas para o bloco suprapartidário, ao dizer que a “leviandade” de Bento Gonçalves (PR-MG) era uma prova de como eram feitas

¹⁶ Diários do Congresso Nacional, 04/12/1957, p.10323.

¹⁷ **O Globo**, op.cit., 19/12/1957, Matutina, Geral, p.9.

¹⁸ Idem, 14/11/1960, Vespertina, p.6.

¹⁹ Idem, 24/12/1960, Matutina, p.3.

as teses dos integrantes do grupo, haja vista que estes seriam “precipitados nas críticas e ausentes nas comprovações”.²⁰

Mas o momento em que o periódico mais explorou os conflitos envolvendo a FPN se deu no caso da tentativa de instalação de uma CPI que investigaria o chamado “truste” do vidro plano. Em 1959, a Frente Parlamentar Nacionalista havia conseguido coletar as assinaturas necessárias para a criação da CPI, que tinha como alvo principal Sebastião Paes de Almeida, ex-presidente do Banco do Brasil, escolhido, naquele mesmo ano, para ser o ministro da Fazenda do governo Juscelino Kubitschek. As acusações eram de que ele seria o principal responsável pelo “truste” na indústria do vidro plano, a partir da fusão da poderosa Pittsburgh Plate Glass Company – de quem Paes de Almeida era suspeito de estar ligado – com pequenas empresas brasileiras (Ribeiro, 2021).

Quando começaram os primeiros rumores de que Paes de Almeida deixaria o cargo no Banco do Brasil para se tornar o ocupante da pasta da Fazenda, a FPN logo reagiu. A troca se deu na reforma ministerial de 1959, muito criticada pela frente parlamentar, que, segundo *O Globo*, acreditava que as mudanças mostravam uma contradição entre os atos e a fala do governo.²¹ Pelos acontecimentos que se veriam na sequência, tudo leva a crer que o principal motivo da insatisfação era mesmo a nomeação do novo ministro da Fazenda.

Na época, a FPN conseguiu reunir as assinaturas mínimas para a criação da CPI do vidro plano e, a partir daquele momento, uma série de informações desconstruídas seriam exploradas pelo *O Globo* para desqualificar o grupo suprapartidário. O que se sabe é que, poucos dias depois de protocolada, a CPI foi inviabilizada, pois 29 deputados retiraram seus nomes no apoio à comissão parlamentar.²² Como 7 deles eram da FPN, *O Globo* passou a acusá-la de ter barganhado politicamente com o governo para não dar continuidade à CPI, retirando assinaturas em troca da nomeação de alguns de seus deputados para os ministérios, como, por exemplo, Hermógenes Príncipe (PR-BA) na pasta da Saúde.²³

²⁰ Ibidem.

²¹ Idem, 03/08/1959, Vespertina, Geral, p.6.

²² *Jornal Diário de Notícias*, 19/08/1959, p. 4.

²³ **O Globo**, op.cit., 14/08/1959, Matutina, p.6.

O periódico continuaria, por algumas semanas, a tecer acusações ao que considerava como exemplo de fisiologismo da FPN. Em um editorial, *O Globo* afirmou que o bloco suprapartidário “enveredava por caminhos que em nada dignificam o Legislativo”, repreendendo-o por fazer manobras que visavam tão somente atingir Sebastião Paes de Almeida.²⁴

Contudo, apesar das suspeitas exploradas pelo jornal, é bem provável que a FPN jamais tivesse negociado com o governo a retirada das assinaturas de seus deputados, uma vez que o grupo expulsou, sumariamente, todos aqueles que deixaram de apoiar a CPI. Alguns dos excluídos ganharam espaço em *O Globo* e atacaram a FPN. Benjamin Farah (PSP-DF), depois de prometer “desmascarar” o bloco por haver nele uma “infiltração comunista”, disse ao jornal que já havia se afastado do grupo antes da expulsão.²⁵ No dia seguinte, *O Globo* deu palco a outro dissidente: Manuel de Almeida (PSD-MG), que criticou a atuação da FPN no recolhimento das assinaturas para a instalação da CPI.²⁶

Nos anos 1960, dentro de uma atmosfera de grande mobilização política por parte de grupos da sociedade civil, *O Globo* enfatizou teorias que apontavam para recorrentes crises nas esquerdas, incluindo nesse rol a FPN. Uma das teses ventiladas pelo periódico era a do embate sobre quem iria assumir a liderança e ditar os rumos da esquerda. Como exemplo, o jornal citava o adiamento de uma greve geral e de um comício, ambos em desagravo ao governo João Goulart. Segundo *O Globo*, a UNE, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), o CGT e a própria FPN não se entendiam, haja vista que “todos se julgam em melhores condições de liderar o movimento, e assim não admitem passar à condição de liderados”.²⁷

Os problemas também se estenderiam à relação das esquerdas com o mandatário da nação. Para *O Globo*, havia muita insatisfação nesse campo político com os rumos tomados pelo governo, algumas vezes sem citar os motivos que estariam causando tanto ruído. Em uma das matérias, o periódico colocou a FPN como estando à frente desse descontentamento, não especificando o porquê do desagrado.²⁸ Cerca de um mês depois, o jornal

²⁴ Idem, 17/08/1969, Matutina, p.1.

²⁵ Idem, 20/08/1959, Matutina, Geral, p.6.

²⁶ Idem, 21/08/1959, Matutina, Geral, p.12.

²⁷ Idem, 13/04/1963, Matutina, p.3.

²⁸ Idem, 17/04/1963, Matutina, Geral, p.16.

divulgou a informação de que Sérgio Magalhães (PTB-GB) e Leonel Brizola (PTB-GB), dois dos principais líderes da FPN, fizeram declarações – não reproduzidas por *O Globo* – em que contestavam a manutenção de alguns ministros conservadores no governo, como Amaury Kruel (Guerra), Antônio Balbino (Indústria e Comércio) e San Tiago Dantas (Fazenda).²⁹

Realçando os conflitos nesse campo a partir de diferentes vieses, *O Globo*, ainda no primeiro semestre de 1963, voltaria a apontar o que ele mesmo chamou de “defecções nas esquerdas”. A postulação, naquele momento, era a de que o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, estaria se afastando do grupo de Brizola e da própria FPN, após não ter apoiado um comício organizado pelo deputado federal na cidade de Recife.³⁰

Para este trabalho, o que interessa é a maneira que o jornal igualou os grupos dessa tendência política, como se não houvesse diferenças entre eles. Assim, não vemos a preocupação em detalhar o papel de cada uma dessas organizações nos momentos vistos como críticos por *O Globo*, mas sim o de abranger para toda a esquerda a característica da desunião. As evidentes nuances que existiam em cada um dos grupos eram irrelevantes para o periódico, o que era uma forma de menoscabar suas diferenças.

O que resta evidente é que muitas das propaladas crises, à exceção do caso da CPI do vido plano – que resultou em expulsões –, tiveram pouca repercussão na FPN, sendo demasiadamente valorizadas pelo jornal com o propósito claro de desqualificar o bloco suprapartidário. Insistir em supostos problemas internos seria uma forma de fazer referências deletérias ao grupo, reduzindo-o a um emaranhado de instabilidades. A abordagem teria ainda o efeito de desmerecer essa experiência nova na política, que, apesar do ineditismo de reunir parlamentares de legendas diferentes na defesa de temas afins, manteria os vícios das organizações tradicionais, com suas crises costumeiras, sendo apenas mais um dentre os vários grupos que já existiam.

Críticas econômicas. Em algumas edições de *O Globo*, foi possível verificar a maneira pela qual a visão econômica da FPN foi abordada. Pelo fato de a frente parlamentar assumir postura favorável à intervenção estatal em diversas áreas e lutar pela limitação da entrada do capital estrangeiro – ao contrário do que historicamente era preconizado por *O Globo* –, seria de se

²⁹ Idem, 02/05/1963, Matutina, Geral, p.6.

³⁰ Idem, 10/05/1963, Matutina, Geral, p.10.

esperar a publicação de textos críticos ao grupo nas páginas do jornal, o que, de fato, aconteceu.

Um exemplo foi quando o periódico reportou, no final de outubro de 1959, um encontro entre o governador da Bahia, Juraci Magalhães, com membros do bloco. Comemorando o fato de o político não ter respondido ao que a frente parlamentar esperava dele, o jornal retratou o grupo como formado por deputados que eram “intransigentes inimigos da livre empresa e da colaboração, em nosso desenvolvimento, do capital estrangeiro”.³¹ Percebe-se uma crítica frontal ao modelo de industrialização desejado pela FPN, que teria o Estado como ator fundamental, contrário ao que *O Globo* defendia. Isso ficou ainda mais claro quando o jornal noticiou que a frente parlamentar desejava criar uma estatal no setor aéreo, o que foi visto pelo periódico como uma forma de o bloco “acabar com empresas”.³²

Quando veio à tona a Instrução 204, elaborada durante o mandato de Jânio Quadros pela Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), as diferenças entre *O Globo* e a FPN ficaram mais uma vez evidentes. A medida, que desvalorizou o câmbio em 100%, visava a redução dos constantes déficits na balança de pagamentos, mas acabou impactando também na elevação do preço dos produtos. Para o jornal, o combate da FPN à medida teria como única intenção atingir o FMI, entusiasta da ação. Em um editorial, o periódico argumentou que o grupo suprapartidário só criticava a inflação quando lhe interessava, haja vista que, no governo anterior, o patamar dos preços também estava alto, mas os parlamentares da FPN “formavam ao lado do governo ou dele se aproveitava”.³³

Mas o momento de maior incômodo de *O Globo* aconteceu quando a Frente Parlamentar Nacionalista divulgou algumas de suas ideias econômicas no texto intitulado “Documento nº 1 sobre capitais estrangeiros”, de 1963. Nele, a tônica geral foi a de mostrar que o desenvolvimento do Brasil prescindiria de ajuda externa.³⁴ A partir de então, o periódico passaria mais de um mês contestando as teses anunciadas pelo grupo suprapartidário, especialmente por meio de um dos seus articulistas mais importantes: Eugênio Gudín.

³¹ Idem, 26/10/1959, Vespertina, p.1.

³² Idem, 03/06/1963, Vespertina, p.16.

³³ Idem, 05/04/1961, Matutina, p.3.

³⁴ Arquivo Gustavo Capanema (CPDOC-FGV). Série I – Câmara dos Deputados 1956.04.03.

Uma forma de conhecer quais são as ideias predominantes de um jornal acerca de um assunto é verificar o espaço que ele oferece a determinados colaboradores (Luca, 2008b). Gudin, que iniciou em julho de 1963 uma série no jornal chamada de “Três petelecos nas teses da Frente Parlamentar Nacionalista”, era, segundo um especialista do tema, “o mais importante economista conservador do período 30-64” (Bielschowsky, 2007, p. 40). Expoente de uma escola de pensamento chamada por Ricardo Bielschowsky de “neoliberal”, sua preocupação majoritária era a de “defender o sistema de mercado” (Bielschowsky, 2007, p. 37), a partir da redução da intervenção estatal e de um olhar atento para o equilíbrio fiscal e monetário.

Nos “petelecos”, Eugênio Gudin procurou combater os pontos principais do referido documento lançado pela FPN naquele ano. No primeiro tópico, ele contestou os números apresentados pelo grupo em relação à entrada de capital estrangeiro no Brasil durante os anos 1950. Para o bloco, o quantitativo foi de apenas 2% em relação ao total de investimentos – não obstante o crescimento econômico acelerado do país naquela década –, o que seria revelador da falta de importância do capital estrangeiro no desenvolvimento do país. Apresentando outro referencial, Gudin afirmou que esse número, na verdade, seria de 11%. Ademais, o articulista de *O Globo* divulgou estudos feitos por Mário Henrique Simonsen, que creditava à entrada do capital estrangeiro o crescimento do país.³⁵

Na mesma edição em que iniciara a série escrita por Eugênio Gudin, o periódico destacou, em outra página, trabalhos realizados pelo grupo Análise e Perspectiva Econômica (APEC), que realçavam a importância do capital estrangeiro no desenvolvimento de vários países, como os Estados Unidos, a Rússia e o Japão.³⁶ Não é coincidência que esses três lugares estivessem citados no “Documento nº 1” da FPN, justamente por terem, segundo a frente parlamentar, preterido o auxílio externo. Assim, percebe-se que a opinião de Gudin não era apartada do que defendia *O Globo*, que endossou as teses de seu colunista econômico. Em recente livro, D’Assunção Barros alerta que, ao analisar um jornal como fonte, o historiador deve se lembrar que “a pretensa objetividade das informações, mesmo na aparente exposição mais pura de

³⁵ *O Globo...*, op.cit., 12/07/1963, Matutina, p.2.

³⁶ *Ibidem*, p.13.

dados, vem sempre mesclada às opiniões, escolhas e decisões daqueles que elaboram o discurso jornalístico” (Barros, 2023, p. 64).

Passados três dias, a série teve continuidade ao focar em outro ponto do texto divulgado pela FPN: os motivos do déficit nas balanças de pagamento do Brasil. Para a FPN, a única explicação possível eram as altas taxas de remessa de lucros ao exterior, tese combatida por Gudin, que afirmou que o número não passaria de irrelevantes 2%. Na verdade, segundo o liberal, o problema era a alta inflação, conforme o que defendia o FMI (Bielschowsky, 2007, p. 45). Ao final da coluna, Gudin ainda ironizou a FPN, pois, segundo ele, o grupo estaria necessitado de aconselhamento de algum “economista capaz”,³⁷ tamanha a sua falta de embasamento nas proposições.

O último dos “petelecos” teve como alvo a insatisfação da frente parlamentar quanto à cotação de certos produtos brasileiros no mercado internacional, sobretudo o café. Para a FPN, os preços eram menores do que o seu real valor, o que caracterizaria uma espoliação. Gudin, na crítica mais ácida até então, não poupou o grupo ao exprimir suas críticas ao que chamou de “realejo comuno-nacionalista”, que teria sido baseado em um vocabulário “brizolista”.³⁸ Segundo ele, os preços do café seriam “excelentes” e “espoliação só existe na cabeça atrofiada da Frente Nacionalista”.

O bloco suprapartidário reagiu à coluna, oferecendo contra-argumentos em uma carta escrita pelo deputado Saturnino Braga (PSB-RJ) e publicada pelo jornal. No texto, que rebatia ponto a ponto as críticas recebidas, o membro da FPN atacava o economista, ironizando-o em vários momentos – “querido e mal humorado articulista” –, afirmando ainda que ele defendia interesses norte-americanos.³⁹ Outro trecho da carta foi crítico ao passado de Gudin, tanto na lembrança de sua função na empresa Great Western – exemplificadora de um suposto alinhamento seu aos Estados Unidos – como na recordação do período em que ele havia sido ministro do governo Café Filho (1954-1955), quando, segundo a FPN, “a economia não cresceu”. Até mesmo o substantivo escolhido por *O Globo* para atacar a frente parlamentar foi alvo de críticas, pois, segundo Braga, os “petelecos” não seriam nada perto dos “violentos socos, pontapés e rasteiras” que o grupo já teria sofrido.

³⁷ Idem, 15/07/1963, Vespertina, p.6.

³⁸ Idem, 17/07/1963, Matutina, p.2.

³⁹ Idem, 27/07/1963, Matutina, p.11.

Apesar de aparentar certa imparcialidade ao publicar a resposta da FPN, é preciso ter em mente que *O Globo* continuou a repercutir os “petelecos”, abrindo espaço para mais críticas ao bloco suprapartidário. Novamente os estudos feitos pela APEC foram usados para combater os argumentos da frente parlamentar, sobretudo no que diz respeito ao impacto do auxílio externo para o desenvolvimento nacional. Segundo a APEC, os nacionalistas tinham escolhido não incluir os financiamentos estrangeiros (empréstimos) no cálculo da porcentagem total, ficando apenas com os investimentos diretos, o que não seria correto.⁴⁰

O próprio Gudín voltaria a aparecer no jornal para uma tréplica às críticas proferidas pela FPN aos seus “petelecos”. Já não eram mais tópicos contra-argumentativos, mas sim ataques explícitos. O economista chegou a dizer que só havia duas opções cabíveis para interpretar a carta escrita por Saturnino Braga (PSB-RJ) em nome do grupo: “ignorância granítica” ou “completa má-fé”.⁴¹ Na matéria, Gudín ainda concluiu com outra provocação, ao escrever que “os três petelecos foram muito bem aplicados; merecia mais”.

Alinhado a um pensamento liberal, *O Globo* nunca escondeu, em suas páginas, a visão econômica que possuía, seja oferecendo espaços para articulistas que compartilhassem de suas ideias, seja por meio de editoriais e outras reportagens que criticavam grupos que a elas se opusessem. Assim, como o jornal entendia que o projeto da FPN era nocivo para o Brasil, procurava desqualificá-lo. Não se tratava, em muitas das menções verificadas neste tópico, de simples divergências econômicas, mas de críticas contundentes que procuravam desacreditar as concepções da FPN como viáveis ao desenvolvimento do país.

O “*Clube dos Jacobinos*”. O temor do anticomunismo moldou mentalidades durante boa parte do século XX no Brasil. A imprensa cumpriu um papel importante na divulgação de ideias que espalhavam esse medo, exagerando a presença e a importância da doutrina política no país. No caso da FPN, *O Globo* – que “sempre assumiu uma postura visceralmente anticomunista” (Ribeiro, 2000, p. 94) – não fez diferente, aproximando-a de tal ideologia como forma de caracterizar o grupo como radical.

⁴⁰ Idem, 31/07/1963, Matutina, Geral, p.13.

⁴¹ Idem, 02/08/1963, Matutina, p.2.

Uma das maneiras utilizadas pelo periódico carioca para identificar a Frente Parlamentar Nacionalista como um ator perigoso para o Brasil se dava por meio de adjetivações deletérias e irônicas. A palavra “jacobino” foi a mais frequente, usada pelo jornal para mostrar o radicalismo da FPN. Havia também variações que faziam alusão a esse famoso grupo revolucionário francês, como no epíteto de “frenéticos Robespierres” designado aos membros do bloco suprapartidário.⁴²

Outra forma recorrente de abordar a FPN visava reduzir a importância do grupo no debate político, criticando os que lhe ouviam. Em editorial que mencionava a sempre propalada infiltração comunista no governo João Goulart, *O Globo* cobrou mudanças na postura do mandatário, conclamando-o a deixar de escutar organizações como a FPN, que, segundo o jornal, no Congresso representava a “minoridade da minoridade”.⁴³ Algum tempo depois, o periódico informou que o bloco se encontrava na “obscuridade”, por estar sendo dirigido por “minoridade radical e extremista”, o que lhe retirava a legitimidade para discutir o problema das reformas estruturais.⁴⁴

Já o qualificativo de “comunista” era dirigido a FPN ainda com mais recorrência, muito embora tal designação não tenha sido restrita ao grupo, haja vista que muitos outros eram vistos da mesma forma, o que fazia parte da lógica da “indústria do anticomunismo” (Motta, 2020, p. 186). Como já visto neste artigo, era comum *O Globo* igualar organizações de ideologias parecidas como se fossem uma só – o que servia como forma de desqualificação. Portanto, para o jornal, não havia diferenças substantivas entre UNE, CGT e FPN, por exemplo, pois todos esses movimentos teriam “fundo comunista”.⁴⁵

Mesmo que grande parte dos componentes desses grupos não tivessem qualquer elo com o comunismo, a associação era feita constantemente por muitos órgãos da imprensa. Assim, não seriam comunistas apenas os filiados ao PCB, mas também os petebistas, os sindicalistas e outros (Rodeghero, 1998, p. 32). Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, a identificação servia não só para interesses eleitoreiros, mas

⁴² Idem, 26/10/1959, Vespertina, p.1.

⁴³ Idem, 18/09/1963, Matutina, p.1.

⁴⁴ Idem, 12/12/1963, Matutina, p.19.

⁴⁵ Idem, 14/05/1963, Matutina, p.6.

principalmente para “desacreditar todo e qualquer processo de mudança social” (Motta, 2020, p. 186).

Na tentativa de dissociar a principal bandeira da FPN dos valores reais apreçados por seus membros, *O Globo* utilizou frequentemente aspas ao mencionar as palavras “nacionalistas” e “brasileiros”, quando remetidos à frente parlamentar.⁴⁶ Para o jornal, a doutrina confessada pelo grupo não era verdadeira porque “tinha a marca de Moscou”⁴⁷ e era xenófoba.⁴⁸ Por isso, o recurso gráfico serviu para marcar um posicionamento do periódico: não considerar o bloco nacionalista nem legitimamente brasileiro.

Acima de tudo, a Frente Parlamentar Nacionalista representaria um perigo para o Brasil. Um dos temores assinalados por *O Globo* era a arregimentação de estudantes para protestos “francamente comunistas”.⁴⁹ Segundo Carla Rodeghero (1998), no imaginário anticomunista os comícios e outros similares agiam sorrateiramente na propagação das ideias marxistas, passando uma imagem de pacíficos e democráticos para, na verdade, difundir o sistema soviético. Essa lógica foi usada também pela Revista *Ação Democrática*, braço direito da ADP – frente parlamentar que rivalizou com a FPN –, que apontava a “demagogia comunizante” do bloco nacionalista, que estaria interessado em defender “os interesses imediatos de Moscou”.⁵⁰ Nos dizeres de Rodrigo Patto Sá Motta, “a União Soviética ocupou lugar central no imaginário anticomunista, desempenhando o papel de foco propagador da ameaça revolucionária” (Motta, 2002, p. 82).

Como já dissemos, o periódico apresentou, por meio de fascículos, em meados de 1962, a obra *Assalto ao Parlamento*, do tchecoslovaco Jan Kozak. Baseado nos relatos do parlamentar, Glycon de Paiva, colunista de *O Globo* atentava para o caso brasileiro, pois, segundo ele, os “comunistas” também estariam se preparando para tomar o poder, como ocorrera na Tchecoslováquia: primeiramente, juntando-se à cúpula do governo; depois, mobilizando as camadas sociais.⁵¹ Ao final da coluna, Paiva lembrou um discurso de Orlando Bonfim, militante do PCB, ao *Novos Rumos*, jornal ligado

⁴⁶ Cf. **O Globo**, 04/06/1960, Matutina, Geral, p.1.; 03/05/1961, Matutina, Geral, p.1.; 15/05/1963, Matutina, Geral, p.17.

⁴⁷ Idem, 25/07/1960, Vespertina, Geral, p.1.

⁴⁸ Idem, 23/05/1959, Matutina, Geral, p.1.

⁴⁹ Idem, 28/02/1961, Matutina, Geral, p.4.

⁵⁰ Revista **Ação Democrática**, Ano III, n.26, julho de 1961, p.10. Acervo da Biblioteca Nacional.

⁵¹ **O Globo**..., op.cit., 18/06/1962, Matutina, p.7.

ao partido comunista, no qual ele exigia um “governo com homens da Frente Parlamentar Nacionalista”.⁵² Portanto, para *O Globo*, a associação da FPN com o comunismo estaria provada e poderia resultar em algo parecido com o que ocorreu no país europeu.

Em 1963, quando os deputados do bloco suprapartidário participaram ativamente dos preparativos para o Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, que seria realizado na Guanabara, o periódico carioca voltou a apontar a identificação do grupo com o comunismo; afinal, àquela altura, a ilha da América Central já havia se declarado socialista. O evento, que reuniria centenas de delegações internacionais em apoio ao governo de Fidel Castro, foi vetado pelo governador Carlos Lacerda. Em razão disso, a FPN passou a cobrar a participação do Executivo federal para solucionar o impasse.⁵³ Segundo *O Globo*, a FPN se oferecera até para patrocinar o Congresso, afirmando ainda que ela estaria disposta a realizá-lo “de qualquer jeito”.⁵⁴ Como o bloco nacionalista não conseguira a garantia do evento na Guanabara, *O Globo* apontou a derrota política do grupo, destacando que este não teve “nenhum apoio” do governo federal.⁵⁵

A insistência na aproximação da Frente Parlamentar Nacionalista com o comunismo, somado ao uso de adjetivações depreciativas genéricas dirigidas ao grupo, visavam ao apontamento de um grupo radical e, portanto, perigoso ao sistema político. Embora a FPN não fosse a única organização vista por *O Globo* com essas características perniciosas, a nocividade residia no fato de ela ter acesso aos governos, sobretudo o de João Goulart, o que, aliás, servia de pretexto também para criticá-lo. Dessa forma, mesmo destacando constantemente a irrelevância política do bloco, o jornal via nele um ente danoso ao país.

Considerações finais

Principal veículo de comunicação no Brasil durante toda a primeira metade do século XX, a imprensa passou por importantes mudanças gráficas

⁵² Ibidem.

⁵³ Idem, 27/03/1963, Matutina, p.12.

⁵⁴ Idem, 28/03/1963, Matutina, p.6.

⁵⁵ Idem, 29/03/1963, Matutina, Geral, p.2.

e editoriais na década de 1950. Embora a proposta de muitos periódicos passasse a ser a produção de textos mais objetivos e diretos, influenciados pelo que acontecia nos Estados Unidos, isso não impediu que os jornais mantivessem posições ideológicas próprias, o que ficou evidente no caso de *O Globo*, um dos órgãos mais relevantes daqueles tempos.

O objetivo deste artigo consistiu em observar como o periódico do Rio de Janeiro, que chegou a ser líder de vendas do estado nos anos 1950, abordou a Frente Parlamentar Nacionalista, primeira experiência suprapartidária da História do Brasil. A hipótese defendida foi a de que a presença da FPN em *O Globo* se deu de forma marcadamente negativa, em razão de suas ideologias serem contrárias em muitos pontos. A tese se confirmou, desdobrando-se em dois aspectos: (1) o jornal carioca se comportou como um agente político alinhado ao pensamento das direitas do período, ratificando a posição majoritária da bibliografia; (2) a FPN tinha uma importância nada desprezível na política brasileira, não obstante a sua quase ausência nos estudos historiográficos.

Depois de observadas as menções do grupo no jornal, agrupamo-las em quatro pontos principais: o comportamento do bloco nas eleições do período; as suas crises e outras dissidências; a visão econômica da FPN; e a sua suposta aproximação com o comunismo. De acordo com todos esses itens, podemos concluir que, para o jornal, a FPN era um grupo irrelevante, desautorizado para se imiscuir nas eleições, instável, com propostas econômicas ruins para o Brasil, e radical.

Essas críticas se tornaram ainda maiores nos anos 1960, sobretudo na visão da FPN como economicamente inepta e politicamente extremista. Foi nessa década que os ataques ao grupo parlamentar se concentraram, o que tem relação com o momento polarizado e de grande tensão política entre esquerdas e direitas. As alusões mais ostensivamente negativas continham ainda outro componente: o governo João Goulart, a quem *O Globo* acusava de conivência com a FPN, caracterizando-o também como comunista.

Para futuras investigações, seria interessante que os pesquisadores observassem como os demais órgãos da imprensa abordaram a Frente Parlamentar Nacionalista. A perspectiva comparada permite tanto aferir quais foram as principais representações da FPN na mídia como os alinhamentos políticos e ideológicos dos periódicos. Este artigo ofereceu subsídios que

permitiram analisar a presença de um bloco suprapartidário importante sob as lentes de um jornal de grande prestígio. Esperamos que mais trabalhos possam dar continuidade à pesquisa, mobilizando outros órgãos de imprensa e também outras organizações políticas.

Fontes

Arquivo Gustavo Capanema. Fundo Privado. CPDOC-FGV.

BRASIL. Diários do Congresso Nacional. Brasília, 1955-1964.

Jornal **Diário de Notícias**. Acervo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Jornal **O Globo**. Acervo digital do Jornal *O Globo*. Acesso em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>

Revista **Ação Democrática**. Acervo disponível na Biblioteca Nacional.

Bibliografia

ABREU, A. A. Introdução. In: ABREU, A. A. *et al* (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ABREU, A. A. 1964: a imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart. In: FERREIRA, M. M. (Coord.). **João Goulart: entre a memória e a História**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AFFONSO, A. **1964 na visão do ministro do trabalho de João Goulart**. São Paulo: Fundap/Imesp, 2014.

BARBOSA, A. J. Parlamento, política externa e o Golpe de 1964. In: MARTINS, E.C.R. (Org.). **Relações internacionais: visões do Brasil e da América Latina**. Brasília: Funagri/Ibri, 2003.

BARROS, J. D. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro – o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. [5ª Ed.]

BRASIL, R. N.S. **Um jornal que vale por um partido: O Semanário (1956-1964)**. Mestrado, PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

CAPELATO, M. H. R. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, M.; PRADO, M.L.C. (Orgs.). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015.

CARVALHO, A. C. **A Rede Democrática**: O Globo, O Jornal e o Jornal do Brasil na queda do Governo Goulart. Niterói: NitPress, 2010.

COSTA, E. **Meia Culpa** – O Globo e a ditadura militar. Florianópolis: Insular, 2015.

DELGADO, L. A. N. Frente Parlamentar Nacionalista: utopia e cidadania. **Revista Brasileira de História**. São Paulo/ANPUH, v.14, n.27, 1994, p.61-71.

DELGADO, L. A. N. Nacionalismo como projeto de nação: A Frente Parlamentar Nacionalista. In: FERREIRA, J.; REIS, D.A. (Orgs.). **As Esquerdas no Brasil**. Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964). Vol. 2. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

DELGADO, L. A. N. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L.A.N. (Orgs.). **O Brasil republicano**. O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Vol.4, 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERREIRA, J. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: F.J.; DELGADO, L.A.N. (Orgs.). **O Brasil republicano**. O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Vol.4, 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERREIRA, J. O Partido Comunista Brasileiro e o governo João Goulart. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 33, 2013, p. 113-134.

JUREMA, A. **Sexta-feira 13**. Os últimos dias do Governo Goulart. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

KOZAK, J. **Assalto ao Parlamento**. São Paulo: IBAD, 1962.

LUCA, T. R. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, T.R.; MARTINS, A.L. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008b.

MAGALHÃES, S. **Prática da emancipação nacional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

MONTALVÃO, S.; LEAL, C. E. Verbete O Globo In: ABREU, A. A. et al (Orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

MOREIRA, N. **O pilão da madrugada** – Um depoimento a José Louzeiro. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1990.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2. ed. Niterói: Eduff, 2020.

RIBEIRO, A.P.G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50.** Doutorado, PPGCOM-UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

RIBEIRO, G. L. **Radicalização e crise:** o protagonismo das frentes parlamentares no governo João Goulart (1961-1964). 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

RIBEIRO, G. L. O nacionalismo é o que nos une: a FPN e o marechal Lott nas eleições de 1960. In: Associação Nacional de História, Recife. **30º Simpósio Nacional de História**, 2019.

RIBEIRO, G. L. **Frente Parlamentar Nacionalista:** trajetória e ação política. Doutorado, PPGHIS-UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2021.

RODEGHERO, C. S. **O diabo é vermelho:** imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SOARES, G.A.D. **Sociedade e Política no Brasil.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

ZICMAN, R. B. História através da imprensa: algumas considerações e metodológicas. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História/PUCSP.** São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.